

POSSÍVEL DIÁLOGO ENTRE ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E TEÓRIA DO PERFIL CONCEITUAL JUNTO AS QUESTÕES SOCIOCIENTÍFICAS EM ESTUDOS DECOLONIAIS

Gabriel Soares Gomes¹
Danilo Oliveira de Souza²
Rita Patrícia Almeida de Oliveira³

RESUMO

Este estudo problematiza se a articulação entre a Análise Crítica do Discurso (ACD) e a Teoria do Perfil Conceitual (TPC) seria uma alternativa em pesquisas no contexto Latino-Americano, no ensino das ciências. Existe uma dominância de metodologias do Norte nas pesquisas e devemos nos questionar se a ACD é aceitável dentro de um contexto decolonial, já que ela surge no Norte. É cabível refletir sobre isto, considerando que em estudos decoloniais as práticas são desobedientes, desprendidas e indisciplinadas para que considerem abordagens metodológicas que dialoguem com as denominadas epistemologias do Sul. Nesta perspectiva, trazemos a TPC que é proposta por Mortimer, um pesquisador brasileiro, que tem base no perfil epistemológico de Bachelard e é utilizado para modelar a heterogeneidade de pensamentos em salas de aula de ciências. E colocamos as Questões Sociocientíficas (QSC's) como um recurso, pois elas caracterizam-se por envolver questões controversas, onde se possibilita a construção de pensamento por meio de variados campos dando voz aos grupos subalternos. Com isso, o presente estudo tem como objetivo apresentar um possível diálogo entre a ACD e a TPC como uma abordagem metodológica em estudos decoloniais. Logo, pretendemos trazer uma alternativa metodológica para o ensino das ciências com viés decolonial, que advém desta articulação e apresenta uma possibilidade de epistemologia híbrida descolonizada. Julgamos ser possível uma articulação entre as mais diversas formas de ciência e de saberes, num diálogo intercultural para um movimento pluriversal.

Palavras-chave: Estudos Decoloniais, Análise Crítica do Discurso, Teoria do Perfil Conceitual, Questões Sociocientíficas.

INTRODUÇÃO

Na estruturação e desenvolvimento de um projeto de pesquisa é necessário que haja a reflexão crítica sobre as epistemologias e as metodologias que serão escolhidas. Temos epistemologia como o “estudo crítico das ciências, tendo como principal objetivo determinar a origem lógica e a importância do conhecimento” (ROBERT, 1990, p. 674) e metodologias como sendo “um conjunto de operações que devem ser sistematizadas e trabalhadas com consistência” (OLIVEIRA, 2016, p. 47). Essas escolhas são fundamentais, já que por meio

¹ Mestrando em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, soares.gomez@gmail.com;

² Mestrando em Ensino das Ciências da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, daniilo.22souza@hotmail.com;

³ Doutora em Ensino das Ciências, Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, ritapatricia.prof@gmail.com.

delas é possível esclarecer não só o percurso escolhido para a investigação, bem como, expor a visão de mundo que o(a) pesquisador(a) apresenta como consequência de um processo crítico e reflexivo. Desenvolver pesquisa com viés decolonial não é uma tarefa fácil, significa romper com as metodologias tradicionais no ensino das ciências, que por vezes fizeram parte da formação do(a) pesquisador(a) e por vezes tentam reproduzi-las, principalmente aquelas que têm uma orientação positivista.

Devemos considerar que as consequências da modernidade são trágicas quando olhamos para a realidade da América Latina, tendo em vista que as pesquisas tendem a utilizar fundamentos na perspectiva da colonialidade epistêmica, já que se limitam a tentar replicar suas descobertas por meio de teorias tradicionais e métodos retirados do Centro (IBARRA-COLADO, 2006). A América Latina apresenta divergências em suas esferas, seja social, econômica, política, cultural e, isso requer outras visões de mundo que consigam contemplar as crises da modernidade que ali intervém, levando em consideração os conhecimentos populares que advém de suas experiências de vida.

De acordo com Ibarra-Colado (2006) existe um conjunto de mecanismos que procura marginalizar o conhecimento produzido nas regiões periféricas ao Centro. Essa realidade coloca o pesquisador em uma situação delicada, levando-o a resistir ou a se sujeitar às regras impostas pelos países do Centro, já que para pertencer à “comunidade internacional” é necessário seguir as regras que são impostas, sendo elas: usar seus conceitos, discutir suas agendas e estar em conformidade com o “sul imperfeito”, um estereótipo criado por eles, mantendo um silêncio educado referente às reais causas dos seus problemas.

Para valorizar o que é nosso devemos adotar uma perspectiva decolonial que é, portanto, epistêmica e política. Ela se estabelece como um trabalho sobre o imaginário, sobre a necessidade de realizar uma inversão no olhar, das práticas e do próprio imaginário. Mignolo (2007) vai dizer que o pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo, a decolonialidade do poder. Para que isso ocorra é necessário que haja a descolonização epistêmica, tendo como objetivo avançar na caminhada que levará a uma nova perspectiva de comunicação intercultural, tomando como base outra racionalidade que possa trazer, com legitimidade, alguma universalidade (QUIJANO, 1992).

Ainda é indispensável compreender que existe uma pluriversalidade transmoderna e que ela transcende a modernidade eurocêntrica que nos é imposta e, ela não propõe a substituição desta por outra modernidade equiparada, mas, sim, que ocorra o desenvolvimento

e construção de um mundo em que diversos mundos e conhecimentos possam coexistir em harmonia (FARIA e WANDERLEI, 2013).

Assumimos que é necessário apostar na construção de alternativas metodológicas decoloniais. Com isso, o presente estudo tem como objetivo apresentar um possível diálogo entre a Análise Crítica do Discurso e a Teoria do Perfil Conceitual trazendo as Questões Sociocientíficas como um recurso, como uma abordagem metodológica em estudos decoloniais. Logo, pretendemos trazer uma alternativa metodológica para o ensino das ciências com viés decolonial, que advém desta articulação e apresenta uma possibilidade de epistemologia híbrida descolonizada.

Este estudo está estruturado em cinco seções além desta introdução. Nas três primeiras seções apresentamos a Decolonialidade, a Análise Crítica do Discurso e a Teoria do Perfil Conceitual de forma breve. Na quarta seção apresentamos um possível diálogo entre a ACD e a TPC, e na quinta seção propomos a utilização das Questões Sociocientíficas como recurso nesta abordagem. Nas considerações finais, trazemos uma reflexão que possibilita um caminho livre de amarras para novos questionamentos e a adoção desta abordagem teórico-metodológica em projetos de pesquisa no contexto Latino-Americano no ensino das ciências.

ESTUDOS DECOLONIAIS

Estudos decoloniais vêm de encontro a crítica ao eurocentrismo enraizado na perspectiva teórico-metodológica das ciências sociais. As relações decoloniais começaram a se estabelecer em 1998, após o desmembramento do Grupo de Estudos Subalternos, formado em 1992, que havia sinalizado para organizar um debate interdisciplinar acerca da historiografia e das perspectivas dos grupos subalternos latino-americanos (LEDA, 2015). Antonio Gramsci vai dizer que os grupos subalternos são formados pelo conjunto das massas dominadas, mas sem possuir agregação de classe social (GRAMSCI, 2001). Leda (2015) ainda expõe que o projeto decolonial não foi fundado pela academia, e de acordo com Mignolo (2008), o mesmo vem no seguimento de dar voz a saberes que já existiam, mas que eram silenciados desde os quinhentos anos da colonização, deixando tal pensamento de lado.

Desse modo, de acordo com Bertagnolli (2015, p. 4) “os estudos descoloniais estudam profundamente as raízes da opressão e da vulnerabilidade desses atores de comunidades, no marco do processo colonial-moderno, e identificam uma forte razão para esse fenômeno”. Leva-se em consideração um campo para além do abstrato, onde se faça presente um

pensamento plural, compostos por um olhar em diferentes meios, tais como crítico, político, ético, epistêmico entre outros (GROSFOGUEL, 2008).

ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO – ACD

A Análise Crítica do Discurso (ACD) se dá em várias vertentes por meio do cenário internacional, a partir de estudos teóricos tais como Fairclough (1989, 1992), Dijk (1984, 1987, 1988, 1991, 1993), Wodak (1990). Alinhamos os pensamentos do respectivo estudo ao de Dijk (1999), onde dialoga com a perspectiva sociocultural e as inferências que a mesma pode realizar. A ACD passa por modificações a respeito do entendimento que se tem a nível teórico e metodológico de pesquisas, onde o contexto social e político, ou seja, as vivências dos sujeitos são levadas em consideração para uma análise integradora. As ações dos sujeitos são importantes, assim como “a consciência explícita do seu papel na sociedade” (DIJK, 1999, p.23).

A prática comunicativa nesta análise tem suma importância, assim como o processo de linguagem e argumentação, onde se amplia a diferentes formas e usos dos mesmos. Este discurso é cercado de poder, pois é caracterizado por visões ideológicas que constituem o pensamento crítico e reflexivo dos sujeitos.

TEORIA DO PERFIL CONCEITUAL – TPC

Atualmente, a teoria do perfil conceitual foi proposta por Eduardo Fleury Mortimer, um pesquisador brasileiro, em meados da década de 1990, ele é um modelo que tenta compreender as várias representações de um mesmo conceito científico, que podem advir da experiência de vida de um mesmo indivíduo, que vão desde o senso-comum até as representações científicas, considerando o perfil epistemológico de Bachelard. Nesse modelo, as diferentes interpretações da realidade a qual o indivíduo está inserido são estruturadas em zonas, lado a lado, com características epistemológicas e ontológicas distintas. O perfil ele distingue de um indivíduo para outro, pois ele é fortemente influenciado pelas experiências distintas de cada um. A teoria vem ganhando mais espaço nas pesquisas de diferentes áreas da ciência, solidificando-se como uma linha teoria que consegue desmistificar a visão do Ensino por Mudança Conceitual e levando a compreender e conviver com as concepções alternativas e científicas no mesmo indivíduo, fazendo com que os indivíduos aprendam a

promover o diálogo entre a linguagem cotidiana e a linguagem científica (MORTIMER, 1995, 1996, 1997; MORTIMER; EL-HANI, 2014).

DIÁLOGO ENTRE TEORIA DO PERFIL CONCEITUAL E ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSSO

É necessário compreender, olhando em uma ótica global, que pode haver a coexistência de várias esferas de conhecimento e mundo. Logo, é fundamental que haja um desligamento da colonialidade epistêmica, para considerar diversos saberes, para romper com paradigmas sociais e também poder dar voz a grupos marginalizados pela sociedade e até mesmo pela comunidade escolar. Williams (1998) vai dizer que os grupos marginalizados são aqueles que compartilham de uma identidade coletiva e sofrem opressão, uma valoração negativa, dos grupos dominantes e eles podem ser definidos segundo alguns critérios, como sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condições físicas ou até mesmo outros critérios. Abdalla e Faria (2015) vão salientar que:

A opção decolonial é concebida não apenas por um conceito ou por uma definição, mas principalmente, por ação e engajamento. Estes requerem desobediência para desafiar a colonialidade do conhecimento imposta há mais de cinco séculos pela modernidade eurocêntrica universalista, em detrimento da transmodernidade pluriversal. (ABDALLA e FARIA, 2015, p.8).

Nessa conjuntura, adotar práticas decoloniais é assumir um compromisso desafiador e a inserção delas no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas constitui um rompimento com o tradicionalismo, que a ciência positivista prega. Esse é um desafio para os pesquisadores que almejam incorporar uma abordagem decolonial, considerando que não há um modelo estabelecido e nem uma certeza absoluta do método para esta abordagem.

Cabe destacar que neste estudo iremos tentar, articular a abordagem teórico-metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD) atrelada aos estudos decoloniais (QUIJANO, 1992; DUSSEL, 2005; MIGNOLO, 2008) com a Teoria do Perfil Conceitual proposta por Mortimer em meados dos anos 1990 (MORTIMER; SCOTT; EL-HANI 2012).

Para Dijk (1999), a ACD “é um tipo de investigação analítica sobre o discurso que estuda [...] o modo em que o abuso do poder social, o domínio e a desigualdade são praticados, reproduzidos e ocasionalmente combatidos, pelos textos e a fala no contexto social e político” (1999, p.23). O autor ainda afirmar que a ACD está fundamentada em oito princípios básicos, que são: (1) A ACD trata de problemas sociais; (2) As relações de poder

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

são discursivas; (3) O discurso constitui a sociedade e a cultura; (4) O discurso faz um trabalho ideológico; (5) O discurso é histórico; (6) A ligação entre o texto e a sociedade é mediato; (7) A análise do discurso é interpretativo e explicativo, e (8) O discurso é uma forma de ação social.

Considerando os princípios básicos que norteiam a ACD, é possível dizer que há uma nova visão interpretativa sobre o fenômeno da comunicação que busca uma compreensão dos processos sociais pautados, sobretudo no discurso. Com isso, conforme o locus que se profere o discurso, a cultura, o momento histórico vivido e da voz que está sendo escutada, é possível realizar várias inferências, em um processo que se conjugam “o descritivo, o analítico e o interpretativo” (PARDO ABRIL, 2013, p.47). Todas essas questões colocadas são consideradas no processo de conceituação na perspectiva do perfil conceitual.

É importante frisar que existem vários tipos de ACD e para este estudo consideramos mais adequado para articulação com a teoria do perfil conceitual a proposta sociocognitiva de Dijk (2003, p. 144) para quem a ACD “é uma perspectiva crítica de produção do conhecimento [...] que não nega, mas assume e defende a sua posição social e política. Ou seja, a ACD é tendenciosa – e se orgulha disso”.

Esta proposta dialoga fortemente com o que defende a teoria do perfil conceitual, já que ela toma por base a ideia de que as pessoas apresentam diferentes modos de pensar e conceitualizar o mundo que são utilizadas para dar sentido a suas experiências (MORTIMER; SCOTT; EL-HANI 2012), e todas devem ser consideradas igualmente, o que converge com a proposta sociocognitiva de Dijk (2003).

A teoria está alinhada a uma perspectiva sociocultural que articula pressupostos teóricos do construtivismo contextual (COBERN, 1996), da aprendizagem (VYGOSTKY, 1987) e da linguagem (BAKHTIN, 1981), constituindo um modelo teórico para análise de modos de pensar, formas de falar e do processo de conceituação em situações de ensino e aprendizagem de ciências (MORTIMER; EL-HANI, 2014). Esses diferentes modos de pensar são estruturados em zonas que representam visões particulares de mundo particular e podem estar associadas a contextos específicos (MORTIMER; EL-HANI, 2014).

Os autores apontam para o fato de que conceito e conceituação são distintos, uma vez que o conceito é construído socialmente e sistematizado através da linguagem, e conceituações

são processos mais dinâmicos, ainda que sejam limitados pelos significados dos conceitos, e sempre surgem ao longo da vida através das interações com o meio externo.

A perspectiva de conceituação como processo dinâmico se alinha com uma tradição socio-interativista e aponta para a possibilidade de ocorrência de processos de conceituação que estão relacionados com o contexto das experiências vividas, ou seja, todas as questões externas (classe social, religião, ideologia política, o momento histórico, o locus) influenciam e devem ser consideradas. Esta visão está estreitamente relacionada com a teoria do perfil conceitual, quando esta considera a coexistência de diferentes maneiras de pensar e falar sobre um conceito com base na variedade de contextos existentes.

O perfil conceitual pode se constituir num instrumento para planejamento e análise do ensino de ciências. A partir dele, obstáculos à aprendizagem dos conceitos podem ser identificados e trabalhados em sala de aula numa visão de aprendizagem de ciências como mudança de perfis conceituais, onde o aluno não necessariamente tem de abandonar as suas concepções ao aprender novas ideias científicas, mas tornar-se consciente dessas diversas zonas e da relação entre elas (AMARAL e MORTIMER, 2011).

Para o levantamento dessas diferentes formas de pensar e falar, e posterior estruturação do perfil conceitual de um determinado conceito ou até mesmo para o estudo das concepções que os estudantes apresentam sobre um conceito em específico, tomando o perfil conceitual deste conceito para análise, diferentes metodologias podem ser consideradas.

Calderón e Guedes (2016) vão apresentar uma revisão da literatura, mostrando o nascimento de uma dinâmica de hibridização quando se trata do emprego de metodologias para as pesquisas decoloniais. Considerando este fato, é possível perceber que nas propostas metodológicas de cunho decolonial surge um processo de adaptação das metodologias interpretativistas do Norte, como por exemplo, a ACD tratada neste estudo. Já para a coleta de dados, uma série de técnicas é apresentada como os diversos tipos de entrevistas, a pesquisa documental, desenhos, vídeos, fotografias, observação participante, entre outros, que são utilizadas pelas pesquisas de natureza qualitativa e que convergem com a compreensão dos fenômenos sociais.

Ainda segundo Calderón e Guedes (2016):

“[...] parece viável a hibridização como alternativa inicial, uma vez que acreditamos que pesquisadores “engajados” com a opção decolonial comungam com as propostas de estudar “com” uma multiplicidade de métodos sem perder a criticidade e levar em

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

consideração o locus de enunciação para trazer contribuições que vão ao encontro de uma postura decolonial Latino-Americana” (CALDERÓN e GUEDES, 2016, p. 08).

Desse modo, podemos analisar a percepção e construção do pensamento crítico e reflexivo utilizando recursos que consigam fazer emergir as diferentes formas de linguagem sobre um determinado conceito, assim como a argumentação. Um dos recursos que podemos utilizar para essa validação está relacionado com a utilização de questões sociocientíficas (QSC's), que é caracterizada por envolver questões controversas, onde se possibilita a construção de pensamento por meio de variados campos.

AS QUESTÕES SOCIOCIENTÍFICAS COMO RECURSO NESSA ABORDAGEM

As Questões Sociocientíficas (QSC's) com o passar dos anos tem sido amplamente recomendada e abordada em pesquisas da área de Ensino de Ciências, pois vai de encontro à construção do processo de argumentação dos estudantes. As QSC's vão requerer tomadas de decisões para resolução das problemáticas expostas aos mesmos.

De acordo com Ratcliffe e Grace (2003), a abordagem das QSC's está diretamente ligada às pesquisas contemporâneas atuais, que possuem grande importância para o desenvolvimento dos sujeitos, pois está relacionada com a formação cidadã, uma formação integradora, para a vida, onde as tomadas de decisões podem ser subsidiadas pelos aspectos reflexivos que as mesmas impõem. A mídia como um todo, por vezes expõem as informações de forma limitada, ou incompletas, dificultando a construção de um pensamento crítico sobre as problemáticas a que lhe são deparadas. Vale resaltar que o exercício da cidadania só poderá ser desenvolvido em sua plenitude em uma sociedade legitimamente democrática, pois fornecerá uma participação ativa e efetiva aos seus cidadãos em relação a tomadas de decisões.

Segundo Martínez Pérez e Carvalho (2011), as QSC's envolvem controversas sobre assuntos socioculturais com consideráveis implicações científicas, tecnológicas, políticas e ambientais, e por meio do conhecimento científico podem ser correlacionadas para a superação e resolução de variados dilemas.

Portanto, podemos associar as questões decoloniais com os pressupostos que estão presentes no contexto da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), a qual visa à criação de condições como exposto a seguir:

“condições para que todos os alunos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas e cada vez mais amplas, condições estas fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática e não excludente” (BRASIL, 1999, p. 33).

Subsidiar o processo de ensino e aprendizagem através de um pensamento decolonial pode possibilitar uma formação mais ampla dos estudantes, uma formação para o desenvolvimento da cidadania integradora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo trouxemos um possível diálogo entre a Análise Crítica do Discurso e a Teoria do Perfil Conceitual para questionar se essa abordagem seria uma alternativa em pesquisas com viés decolonial no ensino das ciências, no contexto Latino-Americano. Acreditamos que esse estudo é o primeiro passo para uma caminhada que vai trazer questionamentos que vão exigir um aprofundamento maior, todavia, identificamos nesse diálogo uma possibilidade de abordagem metodológica para estudos decoloniais.

Acreditamos que deve haver uma reflexão sobre a metodologia tradicionalista, asfixiante e disciplinada que são pautadas no discurso universal da ciência positivista. E que esta reflexão deve abrir portas para metodologias desprendidas que tragam um viés decolonial, como a articulação da ACD e da TPC trazendo as QSC's como recurso nessa abordagem.

Por mais que a ACD tenha surgido no Norte, ela apresenta uma preocupação com a igualdade social e a questão de dar voz aos grupos subalternos, marginalizados pela academia científica enquanto produtores de conhecimento, o que dialoga diretamente com as epistemologias do Sul, e conseqüentemente apresenta uma convergência entre as abordagens.

Enfatizamos ainda que é possível adotar a metodologia a qual propomos que é híbrida e descolonizada e, integra de forma a complementar metodologias com os paradigmas apresentados neste estudo. Defendemos a ideia de que as vozes do Sul não podem ser marginalizadas, nem oprimidas e muito menos apagadas e isso exige coragem e compromisso

social dos pesquisadores para adotarem abordagens metodológicas que sejam compatíveis com as epistemologias do Sul, ou seja, decoloniais.

REFERÊNCIAS

ABDALLA, M; FARIA, M. Em defesa da opção decolonial em administração: rumo à uma concepção de agenda. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL DE EPISTEMOLOGIA E SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA DA ADMINISTRAÇÃO, 5, 2015, Florianópolis. **Anais [...]** Florianópolis, Brasil, 2015.

AMARAL, E. M. R.; MORTIMER, E. F. Uma proposta de perfil conceitual para o conceito de calor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 1, n. 3, 2011.

ENGSTRÖM, Y. Expansive learning at work: Toward an activity-theoretical reconceptualization. *Journal of Education and Work*, v. 14, n. 1, p. 133-156, 2001.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BERTAGNOLLI, G. L. Da colonialidade à descolonialidade: diálogos de ciências a partir de uma “epistemologia do sul” - uma análise de comunidades quilombolas. **Revista Grifos** - N. 38/39 – 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnologia, Ministério da Educação. Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias. In: **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**, Brasília, 1999.

CALDERÓN, P. A. L.; GUEDES, A. L. M., Abordagem metodológica em estudos decoloniais: possível diálogo entre a análise crítica do discurso e as epistemologias do sul. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO DA ESPM E SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO E MARKETING, 6., 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Escola Superior de Propaganda e Marketing, 2016. P. 1-12. Disponível em: <https://login.semead.com.br/20semead/anais/arquivos/2018.pdf>. Acessado em 29 de junho de 2019.

COBERN, W. W. **Worldview theory and conceptual change in Science education**. 1994.

DIJK, T. A. **Communicating racism: ethnic prejudice in thought and talk**. Newbury Park, CA: Sage, 1987.

_____. El análisis crítico del discurso. **Anthropos**, Barcelona, v. 186, p. 23-36, sept.-oct., 1999.

_____. **Elite discourse and racism**. Newbury Park, CA: Sage, 1993.

_____. **Ideology: a multidisciplinary approach**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage, 1998.

_____. La multidisciplinaridade del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. In: WODAK, R.; MEYER, M. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003.

_____. News as discourse. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1988.

_____. Prejudice in discourse. Amsterdam: Benjamins, 1984.

_____. Racism and the press. London: Routledge e Kegan Paul, 1991.

DUSSEL, E. **Filosofia da Libertação: Crítica à Ideologia da Exclusão**. 3ª Ed. São Paulo: Paulos, 2005.

FAIRCLOUGH, N. Analysing discourse: textual analysis for social research. London e New York: Routledge, 2003.

_____. Discourse and social change. Cambridge: Polity Press, 1992.

_____. Language and power. London: Longman, 1989.

GRAMSCI, A. **Quaderni del carcere**: edizione critica dell'“Istituto Gramsci. Turim: Giulio Einaudi, 2001.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. 2008. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147.

IBARRA-COLADO, E. Como comprender y transformar los Estudios Organizacionales desde América Latina y no morir en el intento, in: Martinez, A, Rabiela, R.G., Vessuri, H., Corona, A.V. (Eds.) **Apropiación social del conocimiento y aprendizaje: una mirada crítica desde diferentes ámbitos**, Madrid: Plaza y Valdez editores, 2012.

LEDA, M. C. Teorias pós-coloniais e decoloniais: para repensar a sociologia da modernidade. **Temáticas**, Campinas, 23, (45/46): 101-126, fev./dez. 2015.

QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidade, In: **Perú Indígena**, Lima, vol. 13, n. 29, 1992.

MARTÍNEZ PÉREZ, L. F.; CARVALHO, W. L. P. Contribuições e dificuldades da abordagem de questões sociocientíficas à prática de professores de ciências. **VIII ENPEC**, 2011.

MIGNOLO, W. La opción decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifesto y un caso. **Tabula Rasa**, n. 8, p. 243-282, 2008.

_____. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Un manifesto, in CASTROGÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Coords.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistêmica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

MORTIMER, E. F. **Conceptual Change or Conceptual Profile Change?** Science & Education. Netherlands: Kluwer Academic Publishers. P. 268-283, 1995.

_____. Construtivismo, mudança conceitual e ensino de ciências: para onde vamos? **Investigações em Ensino de Ciências**. v. 1, p. 20-39, 1996.

_____. Para além das fronteiras da química: relações entre filosofia, psicologia e ensino de química. **Revista Química Nova**, 1997.

MORTIMER, E. F.; EL-HANI, C. N. (Ed.). **Conceptual profiles: A theory of teaching and learning scientific concepts**. Springer Science & Business Media, 2014.

MORTIMER, Eduardo F.; SCOTT, Phil; EL-HANI, Charbel N. Bases teóricas e epistemológicas da abordagem dos perfis conceituais. **TED: Tecné, Episteme y Didaxis**, n. 30, 2012.

OLIVEIRA, M. M. D. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PARDO ABRIL, N. G. et al. **Cómo hacer análisis crítico del discurso: Una perspectiva latinoamericana**. 2a ed., Bogota: Universidad Nacional de Colombia Instituto de Estudios en Comunicación y Cultura (IECO), 2013.

RATCLIFFE, M.; GRACE, M. **Science education for citizenship: teaching socio-scientific issues**. Maidenhead: Open University Press, 2003.

ROBERT, P. **Le petit Robert: Dictionnaire alphabétique et analogique de langue française**. Paris: Le Robert, 1990.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, Lev Semenovitch et al. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. _____ et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: EDUSP, 1988.

WILLIAMS, M. S. **Voice, trust, and memory: marginalized groups and the failings of liberal representation**. Princeton: Princeton University Press, 1998.

WODAK, R. Discourse analysis: problems, findings, perspectives. *Text*, v. 10, n. 1/2, p. 125-132, 1990.